

CRÍTICA

A TEORIA DO DESENCANTO

O PASSO DA SERPENTE (1), de Baptista-Bastos

O ANJO ANCORADO (2), de José Cardoso Pires

ROGER NIMIER, morto a 150 Km/h, nos arredores de Paris (30 Septembre 1962: L'écrivain Roger Nimier se tue en voiture sur l'autoroute de l'Ouest. Sa passagère, la jeune romancière Sunsiaré de Larcône, a succombé également.), ficará, não obstante a obra em que o Bom (Le Hussard Bleu) e o sofrível (Histoire d'un Amour) se acotovelam, como um dos romancistas mais significativos do pós-guerra, promessa não cumprida. Prematura e brutalmente ceifado (com 37 anos), macabra coincidência, oito dias depois de Jean-René Huguenin, outra radiosa esperança, essa amputada aos 26

anos em circunstâncias idênticas, deixou um vazio, o vazio que a sua ternura esquecida, o sarcasmo, a raiva cega e magoada, preenchiam.

Quem poderia, ainda, acordar a ternura, o afecto que dormia na adolescência desesperadamente

Por MANUEL DE SOUSA LOBO

preservada que não deixara pelo caminho a lucidez ligada ao desencanto (3)? Marcel Jouhandeau fixa este admirável, mas imprevisível retrato de Nimier no prefácio ao seu livro póstumo *Journées de Lectures: Est-ce qu'on peut voir quelqu'un rétrospectivement par personne interposée?* Si oui, j'ai en vérité, le temps d'un éclair, aperçu Roger Nimier vivant le surlendemain de sa mort. Je l'ai aperçu, comme si le passé s'était pour moi entrouvert, pour me permettre ce recoupement miraculeux. Deux jours après la mort de Roger en effet, je rencontraï un ami qui me tint à peu près ce propos: «Vendredi soir, je quittais la rue des Saints-Pères, un peu avant huit heures, pour m'engager dans la rue de l'Université que je

~~suivais nonchalamment quand, au coin de la rue de Beaune, se dressa devant moi dans une étrange lumière, un couple singulier, deux êtres qui me parurent plus beaux et plus grands que nature. Était-ce l'effet du soleil qui brillait ardemment derrière eux, qu'ils éclipsaient et qui les auréolait, comme il arrive aux personnages sacrés dans les mosaïques de~~

~~Ravenne? La jeune femme, ses cheveux dorés épars sur les épaules. le chevalier qui l'escortait avaient je ne sais quoi de magique, de fascinant. Je veux dire que l'un et l'autre, ils n'avaient pas l'air de ce monde. On eût dit des personnages de rêve, impairs et accordés. Une sorte d'ivresse, répandue sur leur visage, gagnait leurs membres qui semblaient appartenir à des corps glorieux. Impossible, quand je les eu dépassés, de ne pas me retourner pour voir encore flamber dans le soir leurs silhouettes galvanisés et toute la nuit ils me hantèrent, réduits peu à peu à un halo de feu. Or, comme j'avais remarqué auprès d'eux un ami, je ne manquais pas le lendemain de le rejoindre pour l'interroger: «Ah! me dit-il, les yeux noyés de larmes, nous avons été sans doute, toi et moi, les derniers à les voir vivants.» — traduzir Jouhandeau (e o trecho traz a sua assinatura) seria desvirtuar a passagem.~~

~~O Arcanjo de fogo, ou o estrangeiro em quem a infância se esqueceu de envelhecer, o Príncipe cansado (C'est une âme sans idéal qui parle (4). busca, ao acaso, terra, árvores, a frieza imutável de uma pedra, um objecto que lhe comunique o sentimento de viver, um objecto ao qual se apoie. Rodeia-o a auréola daquilo que na sua alma se mantém imaculado, mas, desorienta-o a fadiga; soergue-o, o desprezo e a vontade de despedaçar — e as mãos tornam manchadas do seu próprio sangue. Intacta, a esperança, que o habita ainda (e como?) a poucas horas da sua própria morte, a esperança que se opõe à maladive soit de désespoir. une autre soit, une quête nouvelle: l'éperdue, l'imprudente quête du bonheur (5)~~

~~Gustavo, herói d'O PASSO DA SERPENTE, pensa: A vida é insuportável a partir das seis da tarde; o conhaque, a essa hora, é o bom companheiro para a noite (p. 106); e João, o personagem principal d'O AN-~~

~~JO ANCORADO: Um amigo meu (...), um amigo que fazia uma bela vida nocturna, chama a isto o encontro do remorso (p. 66). Na madrugada, Guida e João haviam cruzado algumas carroças de hortaliça que marchavam para os mercados da cidade. Com remorso, ou sem ele, a noite, de uma maneira, ou de outra, preenchida, é véu por sobre a solidão incontornável e temida, uma espécie de solidão em comum: J. Cardoso Pires: Vivemos numa época em que cada qual fala para si mesmo na companhia de muitos outros (o. c., p. 42); Baptista-Bastos: Gustavo bebe lentamente e, desde que ouça falar, sente-se feliz (o. c., p. 103); Jean-René Huguenin: Encontramo-nos, não é verdade? Telefonamo-nos. Marquemos mesmo, desde já, um encontro: amanhã? Esta noite? Não nos separemos ainda! Certamente não temos nada a dizer-nos, mas vamos beber juntos, olhar-nos-emos, chegar-nos-emos bem uns de encontro aos outros, não esperaremos a morte sôzinhos (5).~~

~~A evasão que a lucidez (ou o gelo da alegria morta) cinge a um instante (e Gustavo pensou que o torpor alcoólico se dissipara pois sentia uma inesperada lucidez a ameaçar as unidades da sua agradável fadiga (p. 29). Fuga de quê? — Da solidão, do amor imperfeito ou fugidio, da procura de valores estáveis (E amanhã? — Amanhã o quê? (p. 78), da dúvida. Fuga que é a demanda da alma pressentida (pp. 38. 39).~~

~~Com o indicador desenhou um coração sem nome na parte embaciada do vidro (p. 31). Gustavo pertence a uma geração que vive de nome emprestado, em terra sem fronteiras, em espaço sem limites, herdeira de um mundo desfeito. Mais importante, para ela, do que interrogar-se sobre valo-~~

~~(Continua na 8.ª pág.)~~

(Continuação das págs. centrais)

res a reerguer, obrigações a cumprir, sobre a escolha, sobre vitais abstenções, sobre o destino a inventar para o seu destino, é não estar só (nada aconteceu a não ser um encontro casual e a necessidade de comunicar (p. 75); e, afinal, talvez queira, ainda, acreditar na verdade desse amor imperfeito ou fugidio, crer nele, teimosa e desesperadamente, no segundo exacto em que ele ainda não se esvaneceu (p. 90).

O João d'O ANJO ANCORADO leva consigo o remorso, através de um mundo que lhe parece a decompor-se: Será justo aceitar o melhor duma vida em decomposição? Que diz você, Guida? (p. 74); sente-se responsável? Em 45, Guida, onde estava você em 45? (...) Nessa altura tinha eu vinte e poucos anos (p. 75); e àquela rapariguinha mais jovem do que ele rosa branca que o orvalho ameaça queimar — anjo ancorado —, ansiosa de vida, de oferta, farta das teorias ocas. (E hoje, continuou uma voz dentro de Guida, hoje agarro-me ao luminal. Montes de comprimidos e leitura até às tantas. Ou então uma «boite» janota num grupo de amigos. Dançar pelo prazer da conversa a dois. E para

CRÍTICA

cansar o corpo. Serei eu fria? (p. 126), ele não pode dizer mais do que: Estamos sós, desencantados, é lógico que exploremos essa pobre circunstância. We band of brothers, companheiros ao sabor da triste natureza (p. 138), ou seja:

«Não me arranhe as feridas do sentimento.» Talvez Guida Sampaio — vinte e três anos, licenciada, salvo erro, em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa —, ou mesmo Gustavo, ou Magda (escutá-las-ia João?), preferissem escutar estas palavras de Jean-René Huguenin — pois, sobre e apesar de tudo, não renovam eles, cada manhã (ou cada noite) a sua fé; não a sustentam com a crueldade mesma que é galantaria, desafio? — Neste mundo em que tudo desaba e se dissolve, é, como nunca, indispensável estar de pé; aproveitar a clareza mais tênue; conservar-se senhor das suas paixões e da sua fadiga, dos seus demónios e dos impulsos do seu coração. Nenhum empreendimento é

demasiado vasto. Nenhum fim é demasiado impossível. Queria salvar o mundo do ódio ao mundo. Oh, restituir ao instante o seu valor, às manhãs a sua clareza, à realidade a sua evidência, a cada homem, enfim, o seu canto e o seu grito (6).

Baptista-Bastos conseguiu de certas inovações (experiências seria o termo exacto) — menosprezo pela lógica ordenação do tempo e espaço, pela unidade do enredo, pela apresentação usual das personagens: o abandono da novela clássica, à Tourgueniev, p. e. — que elas servissem, em lugar de constituírem habilidades, diversões ou empastelamentos estéreis. Essa maneira solta, aparentemente arbitrária, mas vigiada, cria a atmosfera onde os seus heróis se delinham: outsiders, desenraiza-

dos à busca, ou nostálgicos de raízes, exemplares na fluidez da sua personalidade que, por inconquistada, oferece, sempre, uma imagem de que parece separar-nos um vidro embaçado. O movimento livre, a atmosfera especial (e sobre e a partir dela o livro vale) — gestos de acaso que, no entanto, cunha um denominador comum: a procura da cura — torna as personagens vivas e interessantes. Algumas coisas terá Baptista-Bastos de joelhar, na linha do rigor ambicionado: afroizamento da prosa, lirismo fácil, banalidades disfarçadas sob a capa da retórica; mas, O Passo da Serpente situa-o entre os mais promissores novelistas portugueses modernos.

Rigor, justeza, contensão, ilustra-o O Anjo Ancorado (cuja qualidade obriga a re-

levá-lo); trechos admiráveis (O perdigoto, batido por um golpe de vento, caíra de patas para o ar contra um pé de hortelã brava. Estava como morto, a aragem soprava-lhe a penugem do peito. De vivo só tinha o bico aberto e os olhos a luzirem. (pp. 92, 93) revelam a força de J.C.P., na posse de todos os seus recursos de novelista e contista invulgar; o tema, bem delimitado e muito bem tratado, rico de implicações dá-lhe um lugar à parte na literatura portuguesa dos últimos vinte anos.

«A Teoria do Desencanto» — mas, Guida? —, assim gostaria eu de intitular a minha crónica de hoje. Novelas do desencanto? Talvez; nunca, porém, do conformismo; querendo-se actuaentes, testemunham e criticam. Aqui o deixou. leitor. com umas poucas

de palavras desse desencantado Roger Nimier, colhidas na última entrevista que concedeu, quarenta e oito horas antes da sua morte, a Pierre Fisson (Le Figaro Littéraire, 6/X/962): Num romance, é o leitor quem interessa e não o romancista. Que me importaria, a mim, um escritor que falasse de si mesmo, dos seus problemas? — o que é ainda, e pela vez derradeira, a sua maneira irónica, agressiva, provocante, de dizer que apenas escreveu para se salvar a si, mas, também, e sobretudo, para salvar os outros.

(1) Prelo, 1965.

(2) 3.ª edição revista, 1964.

(3) Dans son genre, pensait Michèle, la lucidité est une passion aveugle. Elle voit tout, mais elle tue ce qu'elle voit., «Histoire d'un Amour», p. 155, Poche-Gallimard, 1953.

(4) in Les Épées, p. 120, Gallimard, 1948.

(5) Jean-René Huguenin, in Une Autre Jeunesse, p. 49, Seuil, 1965; ibidem, p. 9.

(6) in Journal, p. 179, Seuil, 1964